

des reais de actuação ao movimento militar e civil republicano. E percebe, igualmente, que o contexto internacional — com a vitória das forças de direita nas eleições espanholas — restringe drasticamente os apoios que pudessem advir das fronteiras vizinhas.

Mas então por que prosseguiu a preparação da greve geral insurreccional? Como entender as probabilidades mínimas de eventual sucesso desta se não estavam garantidos apoios efectivos da parte política e militar?

É óbvio que não se mata um elefante com uma físga.

Ora, os sindicalistas não contam, afinal, com o apoio real, sequer com a cumplicidade, de um único quartel, de uma esquadra de polícia, de um batalhão de soldados e sargentos, de um canhão ou de um fusil...

Torna-se-me, por isso, dificilmente compreensível a sua persistência em irem até ao fim, mesmo que sozinhos, sabendo os riscos em que incorriam — e em que, afinal, incorreram, como está atestado.

Fátima Patriarca responde a esta questão aludindo a um *baroud d'honneur* da parte dos sindicalistas. Pode ser que, de facto, se tivesse tratado de uma espécie de «último grito dos moicanos» esta greve geral do 18 de Janeiro.

Se o foi, nem por isso deixa de ser um grito que vem do fundo da história. Mas conviria saber por que razões só eles gritaram e por que motivos se viram sozinhos.

HENRIQUE NASCIMENTO RODRIGUES

*Geffray, Christian (2001), Trésors – Anthropologie analytique de la valeur*, Estrasburgo, Arcanes, 186 páginas.

*Trésors* é uma obra extraordinária. Publicada em 2001, coincidiu com a surpresa da morte do seu autor, no auge de uma intensa carreira que marcou a antropologia contemporânea: é, assim, um testamento sem o ser. Livro curto e denso, constitui um resumo de inquietações que foram sendo enunciadas num programa científico que já tinha levado Geffray a Moçambique e ao Brasil, da estrutura social da guerra até à estrutura social do narcotráfico, do Estado vazio ao Estado dependente. Um fim que não acaba, portanto, deixando o fascínio de uma investigação que fica suspensa. E que promete ainda.

*Trésors* é constituído por duas partes. Na primeira — introdução, três capítulos e conclusão — trata-se da mercadoria, da troca e do valor. Na segunda, um terço do livro, estão quatro ensaios independentes, complementares, sobre os exemplos que o trabalho de campo sugere, sobre as obras de referência (Mauss, como também antes discutira Lacan, Lévi-Strauss, Marx e Malinowski), sobre os temas (a morte, o sagrado, a moeda, a mercadoria), sobre a interpretação da história e da relação entre mercado e Estado. Ao longo do texto, Geffray vai descobrindo a sua tese: a vida social vive oposta entre dois pólos, o das subjectividades, da fé,

dos valores, e o do cálculo, da objectividade determinada pelas relações de troca e, portanto, pelo valor. A primeira é diferente, mas a segunda é indiferente: honra e interesse chocam-se, assim, nas percepções e nas estruturas sociais, tal como evoluem na história concreta. É essa história que é percebida no livro, através das palavras, dos símbolos, dos antagonismos dos discursos universais, que se baseiam ora num ora noutro dos significados do valor.

Ao longo da primeira parte, este tema é tratado através de exemplos, histórias e reflexões. O primeiro capítulo baseia-se nas memórias de Helena Valero, raptada em 1939, aos 11 anos, pelos índios yahomami, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Vinte e dois anos depois, Helena conta a sua experiência deste povo, e Geffray baseia-se numa parte do seu relato para discutir o sentido das vinganças e da justiça: a que é que atribuem valor estes homens e mulheres que não têm conhecimento da objectivação do valor (no mercado) ou da sua abstracção (na relação do poder hierarquizada no Estado). A partir desta construção, discute o significado dos dons, da reciprocidade, da sujeição, nas relações socialmente organizadas em diversos contextos. E é aí que encontramos a mercadoria, como abstracção de uma relação social muito específica, a de um sujeito que deseja um produto e que o detém e que deve transmitir esse desejo, essa necessidade, a outrem — a troca revela o valor e objectiva, reifica, diria Marx, essa relação

subjectiva de sedução e de necessidade. Assim sendo, os conceitos de «trabalho», de «utilidade», mesmo de «leis da oferta e da procura», são interpretações discursivas dessa busca de significados na transmissão do desejo — um processo próximo do da histeria, que consiste em querer fazer outro desejar alguma coisa (p. 122). Em particular, a moeda é apresentada como o significante universal de parcelas de prazer ou de direitos de detenção privada de benefícios sociais — é na moeda e na riqueza, ou na circulação e acumulação do valor, que se reconhece a diferença e, portanto, é assim que o universal garante o particular.

Daí a conclusão: a bipolaridade social entre valor e interesse, entre fé e cálculo, não se corporiza em formas de vida distintas. Pelo contrário, «não existe, portanto, ‘sociedade mercantil’ ou ‘sociedade de honra’, mas todas as populações herdaram uma composição histórica singular dos efeitos dos dois discursos que acabámos de analisar, sendo eles mesmos a-históricos, universais e irredutíveis» (p. 121). Assim, esses significados genéricos coexistem nas sociedades reais, e é na sua perturbante sobreposição e mistura que se baseiam as regras que nos habituámos a considerar universais ou permanentes. Só que Geffray vai mais longe e argumenta que é no poder, como forma de exclusão, que está a potência da transformação do valor: terá sido com os gregos e com a sua cidade, no início do século VI, que se gerou e geriu o

monopólio público da produção e circulação do equivalente universal do valor dos objectos, criando deste modo as premissas do mercado moderno na hierarquia do poder. Numa palavra, a moeda «foi uma invenção política que não veio servir os mercadores, mas situar e restituir a po-

sição do Estado e o privilégio exclusivo e soberano do controlo em relação ao império acéfalo das operações mercantis» (p. 181). O labirinto fecha-se: o valor é capturado pelo próprio modo da sua produção.

FRANCISCO LOUÇÃ